

HOLLY BLACK

O  
PRÍNCIPE  
CRUEL

Tradução  
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2018

## PRÓLOGO

**E**m uma sonolenta tarde de sábado, um homem vestindo um casaco escuro e comprido hesitou na frente de uma casa numa rua arborizada. Ele não tinha estacionado seu carro nem tinha ido de táxi. Nenhum vizinho o vira andando pela calçada. Ele simplesmente apareceu, como se tivesse dado um passo entre uma sombra e outra.

O homem andou até a porta e levantou o punho para bater.

Dentro da casa, Jude estava sentada no tapete da sala de estar comendo palitinhos de peixe empanado murchos por causa do micro-ondas e mergulhados em uma poça de ketchup. Sua irmã gêmea, Taryn, cochilava no sofá, encolhida sob um cobertor, o polegar enfiado na boca manchada de ponche de frutas. E do outro lado do sofá, a irmã mais velha delas, Vivienne, encarava a tela da televisão, o olhar esquisito de pupilas partidas grudado no desenho do rato que fugia do gato. Ela riu quando pareceu que o rato seria comido.

Vivi não era feito as outras irmãs mais velhas, mas como Jude e Taryn, de sete anos, eram idênticas — com os mesmos cabelos castanhos ondulados e rostos de queixo fino —, elas também se tornavam diferentes. Para Jude, os olhos de Vivi e as pontinhas levemente peludas de suas orelhas não eram muito mais estranhos do que ser a imagem espelhada de outra pessoa.

E se Jude reparava no modo como as crianças do bairro evitavam Vivi, ou em como os pais cochichavam de maneira preocupada a respeito da garota, ela não achava que fosse algo realmente importante. Adultos viviam preocupados, sempre sussurrando.

Taryn bocejou e se espreguiçou, apertando a bochecha no joelho de Vivi.

O sol brilhava lá fora, queimando o asfalto da entrada das casas. Motores de cortadores de grama zumbiam, e crianças brincavam em piscinas de quintal. O pai das garotas estava no barracão do jardim, onde havia uma pequena oficina. A mãe estava na cozinha, fazendo hambúrguer. Tudo estava um tédio. Tudo estava bem.

Quando a batida soou, Jude pulou para atender. Esperava que fosse uma das garotas da casa da frente, querendo jogar videogame ou convidando-a para nadar depois do jantar.

O homem alto estava sobre o capacho, olhando para ela. Usava um casaco marrom de couro, apesar do calor. Os sapatos tinham solado de prata e fizeram um som seco quando ele pisou na entrada. Jude olhou para o rosto mal barbeado e tremeu.

— Mãe — gritou. — Mãããããããe. Tem uma pessoa aqui.

A mãe veio da cozinha, secando as mãos na calça jeans. Quando viu o homem, ficou pálida.

— Vá para o seu quarto — ordenou a Jude com uma voz assustadora. — *Agora!*

— De quem essa menina é filha? — perguntou o homem, apontando para ela. A voz tinha um sotaque estranho. — Sua? Dele?

— De ninguém. — A mãe nem olhou na direção de Jude. — Ela não é filha de ninguém.

Isso não era verdade. Jude e Taryn eram idênticas ao pai. Todo mundo falava isso. Ela deu alguns passos na direção da escada, mas não queria ficar sozinha no quarto. *Vivi*, pensou Jude. *Vivi vai saber quem é o homem alto. Vivi vai saber o que fazer.*

Mas Jude não conseguiu se obrigar a dar mais um passo.

— Eu já vi muitas coisas impossíveis — disse o homem. — Já vi a bolota antes do carvalho. Já vi a fagulha antes da chama. Mas nunca vi uma mulher morta viver. Uma criança nascida do nada.

A mãe pareceu não ter palavras. Seu corpo estava vibrando de tensão. Jude queria segurar a mão dela e apertar, mas não ousava.

— Duvidei de Balekin quando ele me contou que eu encontraria você aqui — disse o homem, a voz mais suave agora. — Os ossos da mulher mundana e da criança natimorta nos restos queimados de minha propriedade foram convincentes. Tem ideia do que é voltar da batalha e

encontrar sua esposa morta, seu único herdeiro com ela? Encontrar sua vida reduzida a cinzas?

A mãe balançou a cabeça, não como se estivesse respondendo, mas como se estivesse tentando afastar as palavras.

Ele deu um passo em sua direção, e ela deu um passo para trás. Havia algum problema na perna do homem alto. Ele se movimentava com rigidez, como se estivesse sentindo dor. A luz era diferente no saguão de entrada, e Jude conseguia notar o tom esverdeado esquisito da pele dele, o jeito como os dentes inferiores pareciam grandes demais para a boca.

Ela também notou que os olhos do homem eram iguais aos de Vivi.

— Eu nunca seria feliz com você — disse a mãe. — Seu mundo não é para pessoas como eu.

O homem alto a olhou por um longo momento.

— Você fez um voto — disse ele por fim.

Ela empinou o queixo.

— E renunciei a ele.

O olhar do homem foi até Jude, e sua expressão ficou mais dura.

— O que vale a promessa de uma esposa mortal? Acho que tenho minha resposta.

A mãe se virou. E, ao perceber o olhar dela, Jude correu para a sala.

Taryn ainda estava dormindo. A televisão ainda estava ligada. Vivienne ergueu o rosto, os olhos felinos semicerrados.

— Quem está na porta? — perguntou ela. — Ouvi uma discussão.

— Um homem assustador — respondeu Jude, sem fôlego, embora mal tivesse corrido. Seu coração estava em disparada. — Temos que subir.

Ela não ligava que a mãe só tivesse dito para *ela* subir. Não subiria sozinha. Com um suspiro, Vivi saiu do sofá e acordou Taryn. Sonolenta, a gêmea de Jude as seguiu pelo corredor.

Quando correram em direção aos degraus acarpetados, Jude viu seu pai entrando, vindo do jardim. Segurava um machado, feito para ser uma réplica quase exata de outro que ele estudara num museu da Islândia. Não era incomum vê-lo com um machado. Ele e os amigos gostavam de armas antigas e passavam bastante tempo falando sobre “cultura material” e projetando lâminas fantásticas. Na verdade, o que parecia estranho era o jeito como ele segurava a arma, como se fosse...

O pai lançou o machado na direção do homem alto.

Ele nunca havia nem levantado a mão para Jude e as irmãs, nem mesmo quando elas se metiam em encrencas grandes. Ele não machucava ninguém. Era incapaz disso.

E ainda assim... E ainda assim...

O machado passou pelo homem alto e acertou a soleira da porta.

Taryn deu um gritinho e tapou a boca com as mãos.

O homem alto sacou uma lâmina curva que estava escondida sob o casaco de couro. Uma *espada*, tipo aquelas das histórias de aventura. Seu pai estava tentando soltar o machado da moldura da porta quando o sujeito lhe cravou a lâmina na barriga, empurrando para cima. O som foi de palitos se quebrando e um urro animalesco. O pai caiu no tapete da entrada, sobre o qual a mãe sempre reclamava quando as meninas sujavam de lama.

O tapete estava ficando vermelho.

A mãe gritou. Jude gritou. Taryn e Vivi gritaram. Todo mundo parecia estar gritando, menos o homem alto.

— Venha aqui — disse ele, olhando diretamente para Vivi.

— S-seu monstro — gritou a mãe, correndo para a cozinha. — Ele está morto!

— Não fuja de mim — disse o homem para ela. — Não depois do que você fez. Se fugir de novo, eu juro que...

Mas ela fugiu. E estava quase virando no corredor quando a espada acertou nas costas, derrubando-a no linóleo, os braços jogando os ímãs da geladeira no chão.

O cheiro de sangue fresco estava denso no ar, feito metal úmido e quente. Como as esponjas que a mãe usava para limpar a frigideira quando alguma coisa grudava.

Jude avançou para o homem e começou a socar seu peito, a chutar suas pernas. Ela sequer conseguia sentir medo. Aliás, não sabia dizer nem se estava sentindo alguma coisa.

O homem não deu atenção a Jude. Por um longo momento, simplesmente ficou ali parado, como se não conseguisse acreditar no que tinha feito. Como se desejasse poder voltar atrás cinco minutos. Em seguida, se apoiou em um dos joelhos e segurou os ombros da menina. Ele prendeu os braços de Jude junto ao corpo para que ela parasse com os golpes, mas sequer olhou em sua direção enquanto fazia isso.

O olhar dele estava grudado em Vivienne.

— Você foi roubada de mim — disse o homem. — Vim levá-la para seu verdadeiro lar, em Elfhame, embaixo da colina. Lá, você será rica de maneira inimaginável. Lá, vai estar com sua espécie.

— Não — respondeu Vivi, a vozinha melancólica. — Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Eu sou seu pai — revelou ele, a voz dura, subindo como o estalo de um chicote. — Você é minha herdeira e sangue do meu sangue, e vai me obedecer quanto a isso, assim como me obedecerá quanto a qualquer outro assunto.

Ela não se mexeu, mas contraiu o maxilar.

— Você não é o pai dela — gritou Jude para o homem. Ainda que ele e Vivi tivessem os mesmos olhos, ela não se permitiria acreditar.

Ele apertou mais os ombros da garota, que emitiu um som constricto e agudo, mas permaneceu encarando-o com expressão desafiadora. Já tinha vencido muitas competições de encarar.

O homem afastou o olhar primeiro. Ele encarava uma Taryn de joelhos, chorando e sacudindo a mãe como se tentasse acordá-la. A mulher não se mexia. Sua mãe e seu pai estavam mortos. Eles nunca mais se mexeriam de novo.

— Eu odeio você — proclamou Vivi para o homem alto com uma ferocidade que orgulhou Jude. — Vou odiar você para sempre. Juro que vou.

A expressão pétrea do homem não mudou.

— Ainda assim, você vem comigo. Prepare essas pequenas humanas. Pegue poucas coisas. Vamos partir antes de escurecer.

Vivienne empinou o queixo.

— Não mexa com elas. Se tiver que me levar, tudo bem, mas não mexa com elas.

Ele encarou Vivi e riu com deboche.

— Você protegeria suas irmãs de mim, é? Diga-me, então, para onde você as levaria?

Vivi não respondeu. Elas não tinham avós, nenhum familiar vivo. Não que soubessem, pelo menos.

Ele olhou para Jude mais uma vez, soltou seus ombros e ficou de pé.

— Elas são prole da minha esposa e, assim, minha responsabilidade. Posso ser cruel, um monstro e um assassino, mas não fujo das minhas

responsabilidades. E você também não deveria fugir das suas, não como irmã mais velha.

Anos depois, quando Jude repassava os acontecimentos, ela não conseguia se lembrar da parte em que fizeram as malas. O choque parecia ter apagado aquela hora completamente. De algum modo, Vivi deve ter encontrado bolsas, guardado os livros e brinquedos favoritos das três, junto com fotografias e pijamas e casacos e camisas.

Ou talvez Jude tivesse feito a própria mala. Vivi nunca soube dizer com certeza.

Não conseguia imaginar como fizeram as malas com os corpos dos pais esfriando no andar de baixo. Não conseguia se lembrar de como se sentiram e, conforme os anos foram passando, não conseguia se obrigar a sentir de novo. O horror daqueles assassinatos foi se apagando com o tempo. Suas lembranças do dia ficaram indistintas.

Um cavalo negro pastava no gramado quando elas saíram. Os olhos do bicho eram grandes e suaves. Jude teve vontade de abraçá-lo e de encostar o rosto na crina sedosa. Mas antes que pudesse fazê-lo, o homem alto a posicionou na sela com Taryn, manuseando-as feito bagagem e não como crianças. Colocou Vivi sentada atrás dele.

— Segurem-se — ordenou.

Jude e suas irmãs choraram durante todo o caminho até o Reino das Fadas.

# CAPÍTULO

# 1

**N**o Reino das Fadas, não há palitinhos de peixe empanado, ketchup ou televisão.



## CAPÍTULO

# 2

**E**stou sentada em uma almofada enquanto uma diabrete trança meu cabelo para tirá-lo do rosto. Os dedos da criatura são longos, e as unhas, afiadas. Faço uma careta. Seus olhos negros encontram os meus no espelho com pés de garras que fica sobre minha penteadeira.

— O torneio é só daqui a quatro noites — diz a diabrete. Seu nome é Tatterfell, e ela é serva no lar de Madoc, presa aqui até conseguir pagar sua dívida com ele. Ela cuida de mim desde criança. Foi Tatterfell quem passou o unguento feérico em meus olhos para me dar a Visão Verdadeira e eu poder ver através da maioria dos feitiços, e era ela quem tirava lama das minhas botas e trançava sorvas secas para eu usar no pescoço e resistir aos encantamentos. Ela limpava meu nariz molhado e me lembrava de usar as meias do lado avesso para nunca me perder na floresta. — E por mais ansiosa que esteja, você não pode fazer a lua se pôr ou nascer mais rápido. Agora, tente trazer glória para a casa do general ficando tão linda quanto eu conseguir deixar você.

Dou um suspiro.

Ela nunca teve muita paciência com minha rabugice.

— É uma honra dançar com a Corte do Grande Rei debaixo da colina — constata Tatterfell.

Os criados adoram me dizer quanto sou sortuda; uma filha ilegítima de uma esposa infiel, uma humana sem uma gota de sangue de fada, sendo tratada como a filha verdadeira de um feérico. Eles dizem as mesmas coisas para Taryn.

Eu sei que é uma honra ser criada junto aos filhos dos nobres. Uma honra terrível, da qual nunca serei digna.

Seria difícil me esquecer, considerando todos os lembretes que me dão.  
— Sim — digo, afinal ela está tentando ser gentil. — É ótimo.

As fadas não são capazes de mentir, então costumam se concentrar nas palavras e ignoram o tom, principalmente se nunca viveram entre humanos. Tatterfell assente com aprovação, os olhos iguais a duas bolas de azeviche, nem as pupilas e nem as íris visíveis.

— Talvez alguém peça sua mão e você se torne uma integrante permanente da Alta Corte.

— Quero conquistar meu próprio lugar — informo.

A diabrete faz uma pausa, um grampo entre os dedos, provavelmente pensando em me espetar com ele.

— Não seja tola.

Não adianta discutir, não adianta lembrá-la do casamento desastroso da minha mãe. Há duas maneiras de mortais se tornarem parte da Corte: se casando ou desenvolvendo uma grande habilidade, que pode ser em metalurgia ou tocando alaúde ou qualquer outra coisa assim. Não estando interessada na primeira, tenho que torcer para ter talento suficiente para a segunda.

Ela termina de trançar meu cabelo em um penteado elaborado que faz parecer que tenho chifres. Cobre meu corpo com veludo safira. Mas nada disso disfarça o que realmente sou: humana.

— Dei três nós para trazer sorte — diz a fadinha, gentil.

Solto um suspiro enquanto ela corre até a porta, então me levanto da frente da penteadeira e desabo de cara na cama coberta por uma colcha. Estou acostumada a ter servos ao meu redor. Diabretes e duendes, goblins e elfos. Asas transparentes e unhas verdes, chifres e presas. Já estou no Reino das Fadas há dez anos. Nada mais me parece estranho. Aqui, a estranha sou eu, com meus dedos gordos, orelhas redondas e vida efêmera.

Dez anos é muito tempo para um humano.

Depois que Madoc nos sequestrou do mundo humano, ele nos levou para suas propriedades em Insmire, a Ilha do Poder, onde o Grande Rei de Elfhame também mantém sua fortaleza. Lá, Madoc nos criou — Vivienne, Taryn e eu — por uma obrigação de honra. Embora eu e Taryn

sejamos prova da traição de minha mãe, somos filhas da esposa dele e, pelos costumes do Reino das Fadas, somos também problema dele.

Como general do Grande Rei, Madoc viajava com frequência para lutar pela Coroa. Mas fomos bem-cuidadas mesmo assim. Dormíamos em colchões feitos das sementes macias de dentes-de-leão. Madoc nos instruiu pessoalmente na arte de lutar com o alfanje e a adaga, com a cimitarra e nossos punhos. Ele jogava Trilha, Fidchell e Raposa e Gansos conosco diante da lareira. Deixava que sentássemos em seu joelho e comêssemos de seu prato.

Em muitas noites, eu adormecia com sua voz grave lendo um livro de estratégias de batalha. E, apesar de tudo, apesar do que fizera conosco e do que era, eu passei a amá-lo. Eu o amo.

Só não é um tipo muito confortável de amor.

— Belas tranças — diz Taryn, entrando de repente no meu quarto.

Ela está vestida de veludo carmesim. O cabelo está solto, com cachos castanhos e compridos que voam atrás dela como um véu, algumas mechas trançadas com fios prateados brilhantes. Ela pula na cama ao meu lado, desarrumando minha pequena pilha de bichos de pelúcia puídos: um coala, uma cobra e um gato preto. Todos amados pelo meu eu de sete anos. Não suporto a ideia de me desfazer de nenhuma de minhas relíquias.

Eu me sento e me olho atentamente no espelho.

— Gostei delas.

— Estou tendo uma premonição — declara Taryn, me surpreendendo.

— Nós vamos nos divertir hoje.

— Nos divertir? — Estava me imaginando em nosso cantinho de sempre, franzindo a testa para as pessoas e me perguntando se eu conseguiria me sair bem no torneio a ponto de impressionar alguém da família real e ganhar o título de cavaleira. Fico agitada só de imaginar, mas mesmo assim penso nisso constantemente. Meu polegar passa pela ponta ausente do meu anelar, meu tique nervoso.

— Sim — diz ela, me cutucando nas costelas.

— Ei! Ai! — Eu me afasto. — O que exatamente esse plano envolve? — Em geral, quando vamos à Corte, nós nos escondemos. Já vimos algumas coisas bem interessantes, mas de longe.

Ela joga as mãos para o alto.

— Como assim, o que diversão envolve? É divertido, oras!

Solto uma gargalhada nervosa.

— Você também não faz ideia, faz? Tudo bem. Vamos ver se você tem o dom da profecia.

Nós estamos ficando mais velhas e as coisas estão mudando. Nós estamos mudando. E por mais ansiosa que eu esteja com isso, também estou com medo.

Taryn sai da minha cama e estica o braço, como se fosse minha acompanhante em uma dança. Eu me permito ser guiada quarto afora, a mão verificando automaticamente se a faca ainda está presa no meu quadril.

O interior da casa de Madoc é de gesso branco com vigas enormes e rudimentares de madeira. As vidraças nas janelas são tingidas de cinza, como se contivessem fumaça encurralada, o que deixa a iluminação meio estranha. Quando Taryn e eu chegamos ao fim da escadaria em espiral, flagro Vivi escondida em uma pequena sacada, franzindo a testa para uma revista em quadrinhos roubada do mundo humano.

Vivi sorri para mim. Está usando calça jeans e uma blusa leve, então obviamente não pretende ir ao baile. Sendo filha legítima de Madoc, ela não sente qualquer tipo de pressão para agradá-lo. Simplesmente faz o que quer. Inclusive ler revistas que podem ter grampos de ferro em vez de cola segurando as páginas, sem se importar se seus dedos vão se queimar.

— Vão a algum lugar? — pergunta ela das sombras, assustando Taryn.

Vivi sabe perfeitamente bem para onde vamos.

Quando chegamos aqui, Taryn, Vivi e eu costumávamos nos aconchegar na cama espaçosa de Vivi e conversar sobre o que lembrávamos de nossa casa. Falávamos sobre as comidas que mamãe queimava e sobre a pipoca que papai fazia. Sobre os nomes de nossos vizinhos, o cheiro da casa, de como era a escola, as férias, o gosto da cobertura dos bolos de aniversário. Conversávamos sobre os programas aos quais assistíamos, lembrávamos das histórias e repetíamos os diálogos até nossas lembranças ficarem fracas e irreais.

Agora não fazemos mais isso. Nada de aconchegos na cama, nem de recordações. Todas as nossas novas lembranças são daqui, e Vivi só tem um leve interesse por elas.

Ela jurou odiar Madoc para sempre, e se manteve fiel à promessa. Quando não estava ocupada pensando em nossa casa, ela era um terror. Quebrava coisas. Gritava, berrava e nos beliscava quando

estávamos contentes. Chegou uma hora em que parou com isso, mas acredito que haja um pedacinho dela que nos odeia por termos nos adaptado. Por enxergar o lado bom das coisas. Por transformar esta casa em nosso lar.

— Você devia vir — falo para ela. — Taryn está com um humor estranho.

Vivi lança um olhar especulativo na direção de nossa irmã e balança a cabeça.

— Tenho outros planos. — O que pode significar que vai fugir para o mundo mortal esta noite ou que vai ficar na sacada lendo.

Seja como for, se irritar Madoc, vai agradar a Vivi.

Ele está nos esperando no salão, junto a sua segunda esposa, Oriana. Ela tem a pele num tom azulado de leite desnatado, e os cabelos são brancos como neve recém-caída. É linda, mas incômoda de olhar, como um espectro. Esta noite, está usando verde e dourado, um vestido de textura musgosa com uma gola brilhante e elaborada que destaca o rosado da boca, das orelhas e de seus olhos. Madoc também está usando verde, a cor das florestas. A espada em seu quadril não é um mero ornamento.

Lá fora, para além das portas duplas, um duende espera, segurando as rédeas prateadas de cinco garanhões feéricos malhados, as crinas trançadas em nós intrincados e provavelmente mágicos. Penso nos nós em meu cabelo e me pergunto quanto são parecidos.

— Vocês duas estão bonitas — diz Madoc para Taryn e para mim, o calor no tom fazendo das palavras um elogio raro. O olhar dele segue até a escada. — A irmã de vocês está vindo?

— Não sei onde Vivi está — minto. Mentir é tão fácil aqui. Posso mentir o dia todo e jamais ser pega. — Ela deve ter se esquecido.

O rosto de Madoc exibe decepção, mas não surpresa. Ele segue para fora para dar instruções ao duende que segura as rédeas. Ali perto, vejo um de seus espiões, uma criatura enrugada de nariz semelhante a um nabo e corcunda mais alta do que a própria cabeça. Ela coloca um bilhete na mão de Madoc e sai correndo com agilidade surpreendente.

Oriana nos examina com atenção, como se esperasse encontrar alguma falha.

— Tomem cuidado hoje — diz. — Prometam que não vão comer, beber ou dançar.

— Já estivemos na Corte antes — lembro a ela, uma não resposta feérica como qualquer outra.

— Talvez vocês achem que sal é proteção suficiente, mas vocês crianças são esquecidas. É melhor ficar sem. Quanto a dançar, quando começam, humanos dançam até a morte se não os impedirmos.

Olho para meus pés e não digo nada.

Nós, crianças, não somos esquecidas.

Madoc se casou com Oriana sete anos atrás e, logo depois, ela deu a ele um filho, um garoto frágil chamado Oak, com chifres pequeninhos e adoráveis. Sempre ficou claro que Oriana tolera a mim e a Taryn só por Madoc. Ela parece nos ver como os cachorros favoritos do marido: mal treinados e com grandes chances de nos virarmos contra nosso dono a qualquer momento.

Oak nos vê como irmãs, o que, percebo, deixa Oriana nervosa, muito embora eu seja incapaz de infligir qualquer mal a ele.

— Vocês estão sob a proteção de Madoc, e ele é estimado pelo Grande Rei — diz Oriana. — Não quero vê-lo fazendo papel de bobo por causa dos erros das duas.

Ao fim de seu breve sermão, ela sai andando em direção aos cavalos. Um deles relincha e bate o casco no chão.

Taryn e eu trocamos um olhar e vamos atrás dela. Madoc já está sentado no maior garanhão, uma criatura impressionante com uma cicatriz abaixo de um dos olhos. As narinas se dilatam com impaciência. O bicho joga a crina com inquietação.

Subo em um cavalo verde-claro com dentes afiados e odor de pântano. Taryn escolhe uma égua mais velha e bate os calcanhares no flanco do animal, que dispara com tudo. Sigo em seu encaço, mergulhando na noite.

## CAPÍTULO

# 3

**A**s fadas são criaturas do crepúsculo, e eu também me tornei uma. Nós acordamos quando as sombras se alongam e vamos para a cama antes de o sol nascer. Já passa da meia-noite quando chegamos na grande colina do Palácio de Elfhame. Para entrar, precisamos passar por entre duas árvores, um carvalho e um espinheiro, e depois seguir diretamente para o que parece ser uma parede de pedra de um pavilhão abandonado. Já fiz isso centenas de vezes, mas me encolho mesmo assim. Meu corpo todo se prepara, eu seguro as rédeas com força e fecho bem os olhos.

Quando volto a abri-los, estou dentro da colina.

Seguimos cavalgando por uma caverna, depois por pilares de raízes e então por terra batida.

Há dezenas de feéricos aqui, todos amontoados em volta da entrada da ampla sala do trono, onde a Corte está acontecendo. São pixies de nariz comprido e asas esfarrapadas, damas elegantes de pele verde com vestidos longos, todas com goblins segurando as caudas. Gnomos boggan traiçoeiros, vulpinos risonhos e um garoto com máscara de coruja e enfeite dourado na cabeça. Uma idosa com corvos nos ombros, um grupo de garotas com rosas selvagens nos cabelos, um garoto de pele de casca de árvore com penas no pescoço e um grupo de cavaleiros de armadura verde-escaravelho. Muitos eu já tinha visto antes; com alguns, já tinha falado. São muitas criaturas para que meus olhos consigam absorver todos, mas sou incapaz de parar de olhar.

Eu nunca me canso disso, do espetáculo, da pompa. Talvez Oriana não esteja completamente errada ao se preocupar de um dia acabarmos nos envolvendo demais, nos deixando levar e esquecendo de tomar cuidado. Consigo entender por que os humanos sucumbem ao belo pesadelo da Corte, por que se afogam nele por vontade própria.

Sei que eu não deveria amar essas coisas na proporção em que amo, principalmente depois de ter sido sequestrada do mundo mortal, de ter testemunhado o assassinato de meus pais. Mas amo mesmo assim.

Madoc desce do cavalo. Oriana e Taryn já desmontaram e entregaram os animais aos cuidadores. É por mim que estão esperando. Madoc estica os dedos como se fosse me ajudar, mas salto da sela sozinha. Meus sapatinhos de couro batem no chão com um estampido.

Espero estar parecendo uma cavaleira aos olhos dele.

Oriana se adianta, provavelmente para lembrar a Taryn e a mim de todas as coisas que ela não quer que a gente faça. Mas não dou chance a ela. Em vez disso, passo o braço pelo de Taryn e caminho rapidamente. A sala está cheirando a alecrim queimado e a ervas moídas. Atrás de nós, ouço os passos pesados de Madoc, mas eu sei aonde ir. A primeira coisa a se fazer quando chegamos na Corte é cumprimentar o rei.

O Grande Rei Eldred está sentado no trono com seu manto cinza, uma coroa pesada de folhas de carvalho de ouro sobre o cabelo fino e dourado. Quando nos curvamos, ele toca de leve em nossas cabeças com as mãos ossudas e cheias de anéis, e então nos levantamos.

A avó do rei foi a rainha Mab, da Casa Greenbriar. Ela viveu como uma das fadas solitárias antes de começar a conquistar o Reino das Fadas com seu consorte chifrudo e os cavaleiros-cervos dele. Por causa dele, dizem que cada um dos seis herdeiros de Eldred possui uma característica animal, o que não é incomum no Reino das Fadas, mas um tanto inusitado entre os nobres da Corte.

O príncipe mais velho, Balekin, e seu irmão mais novo, Dain, estão ali perto, bebericando vinho em cálices de madeira decorados com as pratas. Dain usa uma calça que termina nos joelhos, exibindo os cascos e as patas de cervo. Balekin usa seu sobretudo favorito, o com gola de pele de urso. Seus dedos têm um espinho em cada junta, e espinhos também decoram seu braço, subindo pelos punhos da camisa, visíveis quando ele e Dain acenam para Madoc.



Oriana faz uma reverência para os príncipes. Embora Dain e Balekin estejam juntos, eles costumam se desentender entre si e com a irmã, Elowyn, com tanta frequência que a Corte é considerada dividida em três círculos rivais de influência.

O príncipe Balekin, o primogênito, e seu grupo são conhecidos como o Círculo dos Quíscalos, aqueles que gostam de diversão e desprezam qualquer coisa que a atrapalhe. Eles bebem até passar mal e se anestesiavam com pós venenosos e prazerosos. É o círculo mais festeiro, embora o próprio Balekin sempre esteja perfeitamente composto e sóbrio quando fala comigo. Acho que eu poderia me rebelar e torcer para impressioná-lo. Mas prefiro não fazer isso.

A princesa Elowyn, a segunda a nascer, tem o Círculo das Cotovias. Eles valorizam a arte acima de tudo. Vários mortais já caíram nas graças de seu círculo, mas como não tenho muita habilidade com o alaúde nem na declamação de poesias, não tenho chances de me tornar um deles.

O príncipe Dain, o terceiro deles, lidera o que é conhecido como o Círculo dos Falcões. Cavaleiros, guerreiros e estrategistas estão entre eles. Madoc, obviamente, pertence a este círculo. Eles falam sobre honra, mas se importam mesmo é com o poder. Sou boa o suficiente com uma lâmina e entendo de estratégia. Só preciso de uma oportunidade para provar meu valor.

— Vão se divertir — diz Madoc para nós. Com um olhar para os príncipes, Taryn e eu seguimos para o meio da multidão.

O palácio do Rei de Elfhame tem muitas alcovas secretas e corredores escondidos, perfeitos para encontros amorosos e esconderijos de assassinos, ou para se isolar e ignorar a diversão nas festas. Quando Taryn e eu éramos pequenas, nós nos escondíamos embaixo das longas mesas de banquete. Mas desde que ela determinou que somos damas elegantes, grandinhas demais para sujarmos nossos vestidos engatinhando no chão, tivemos que encontrar um lugar melhor. Depois do segundo patamar de degraus de pedra, tem uma área na qual uma ampla laje de rocha cintilante se projeta, criando um beiral. Normalmente, é lá que nos acomodamos para ouvir música e observar toda a diversão que não foi feita para a gente.

Mas hoje Taryn tem outra ideia. Ela passa pela escada e pega comida de uma bandeja de prata, uma maçã verde e uma fatia de queijo com

manchas azuis. Sem se dar ao trabalho de usar sal, dá uma mordida em cada um, estendendo a maçã para eu morder também. Oriana acha que não conseguimos perceber a diferença entre frutas normais e frutas fadas, que florescem em dourado. A carne é vermelha e densa, e o cheiro enjoativo empesteia as florestas na época da colheita.

Sinto a maçã crocante e fria na boca. Revezamos as mordidas até chegar no miolo, o qual devoramos em duas dentadas.

Perto de onde estou, uma fadinha de cabelos brancos esvoaçantes que mais parecem sementes de dente-de-leão saca uma faquinha e corta a tira do cinto de um ogro. É um trabalho sorrateiro. Um momento depois, a espada e a bolsa dele somem, a fadinha se enfia na multidão e quase acredito que não aconteceu. Até ela olhar para trás, para mim.

E pisca.

Um instante depois, o ogro percebe que foi roubado.

— Sinto cheiro de ladrão! — grita, então olha ao redor, derrubando uma caneca de cerveja marrom-escura, o nariz verruguento farejando no ar.

Há uma comoção ali perto; uma das velas se acende em chamas azuis crepitantes, faiscando ruidosamente e distraindo até o ogro. Quando volta ao normal, a ladra de cabelos brancos sumiu.

Com um meio-sorriso, eu me viro para Taryn, que está admirando os dançarinos com anseio, alheia aos arredores.

— Nós podíamos nos revezar — propõe ela. — Se você não conseguir parar, eu puxo você. Depois, você faz o mesmo por mim.

Meus batimentos aceleram com a ideia. Olho para as pessoas da festa, tentando reunir a mesma ousadia de alguém capaz de furtar um ogro bem debaixo do nariz dele.

A princesa Elowyn rodopia no centro de uma roda de Cotovias. Sua pele é de um dourado cintilante, o cabelo do verde profundo das heras. Ao lado dela, um garoto humano toca uma rabeca. Mais dois mortais o acompanham com menos destreza, porém com mais alegria, em ukuleles. A irmã mais nova de Elowyn, Caelia, gira ali perto, com cabelos de seda de milho como os do pai e uma coroa de flores na cabeça.

Uma nova balada começa, e a letra chega a mim. “*De todos os filhos que o rei William teve, o príncipe Jamie era o mais desordeiro*”, cantavam. “*E o que tornou a dor ainda maior foi que o príncipe William foi o primeiro.*”

Eu nunca gostei muito dessa música porque me lembra outra pessoa. Alguém que, assim como a princesa Rhyia, não parece estar aqui hoje. Mas... ah, não. Agora eu o vejo.

O príncipe Cardan, sexto filho do Grande Rei Eldred, o pior de todos, atravessa o salão em nossa direção.

Valerian, Nicasia e Locke — seus três amigos mais cruéis, mais sofisticados e mais leais — o acompanham. A multidão se abre e faz silêncio, se curvando conforme eles passam. Cardan ostenta a expressão de desprezo de sempre, ressaltada pelo lápis preto na linha d'água dos olhos e pelo aro dourado no cabelo escuro. Usa um casaco preto comprido com gola alta e elaborada, a peça toda bordada com uma estampa de constelações. Valerian está usando vermelho-escuro, dois rubis cintilando nos punhos, cada um como uma gota de sangue congelado. O cabelo de Nicasia é azul-esverdeado feito o mar, coroado com um diadema de pérolas. Uma rede cintilante cobre suas tranças. Locke vem atrás, parecendo entediado, o cabelo da cor exata da pelagem de uma raposa.

— Eles são ridículos — digo para Taryn, que acompanha meu olhar.

Não posso negar que também são bonitos. Lordes e damas feéricos, assim como nas músicas. Se não tivéssemos aulas com eles, se eu não soubesse por experiência própria a praga que são para quem os desagrada, eu provavelmente seria tão apaixonada por eles quanto todo mundo.

— Vivi diz que Cardan tem um rabo — sussurra Taryn. — Ela viu quando estava nadando no lago com ele e com a princesa Rhyia na última noite de lua cheia.

Não consigo imaginar Cardan nadando em um lago, pulando na água, molhando pessoas, rindo de qualquer coisa que não seja o sofrimento delas.

— *Rabo?* — repito, dando um sorriso incrédulo que desaparece quando me lembro de que Vivi não se deu o trabalho de me contar a história, muito embora tenha acontecido há vários dias. Três é uma configuração estranha de irmãs. Sempre tem uma que fica de fora.

— Com um tufo de pelo na ponta! O rabo fica escondido embaixo das roupas dele e se desenrola feito um chicote. — Ela ri, e mal consigo entender suas próximas palavras. — Vivi disse que queria ter um.

— Ainda bem que ela não tem — respondo com firmeza, o que é bobeira. Eu não tenho nada contra rabos.

Cardan e seus companheiros agora estão perto demais para falarmos a respeito deles. Encaro meus pés. Apesar de odiar o gesto, apoio um joelho no chão, abaixando a cabeça e trincando os dentes. Ao meu lado, Taryn faz algo parecido. Ao nosso redor, todos estão fazendo reverência.

*Não olhem para nós, penso. Não olhem.*

Quando Valerian passa, ele segura um dos meus chifres trançados. Os outros seguem pela multidão enquanto o rapaz me olha com desprezo.

— Achou que eu não veria você aí? Você e sua irmã se destacam em qualquer multidão — diz ele, se inclinando mais para perto. Seu hálito está carregado com o cheiro de vinho de mel. Cerro a mão junto ao corpo e fico ciente da proximidade da minha faca. Mesmo assim, não o encaro. — Não há nenhuma outra cabeça aqui com um cabelo tão sem graça, nem outro rosto tão comum.

— Valerian — chama o príncipe Cardan. Ele já está de cara feia e, quando me vê, semicerra ainda mais os olhos.

Valerian dá um puxão na minha trança. Faço uma careta, uma fúria inútil crescendo na minha barriga. Ele gargalha e segue em frente.

Minha fúria logo se transforma em vergonha. Eu queria ter dado um tapa na mão dele, mesmo que isso piorasse tudo.

Taryn vê alguma coisa no meu rosto.

— O que ele disse?

Só balanço a cabeça.

Cardan parou ao lado de um garoto com cabelo comprido cor de cobre e um par de pequenas asas de mariposa, um que não está se curvando para saudá-los. O garoto ri, e Cardan avança nele. Num piscar de olhos, os punhos do príncipe acertam o maxilar do garoto, jogando-o longe. Quando ele cai, Cardan agarra uma de suas asas, que se rasga como papel. O grito do garoto é agudo e estridente. Ele se encolhe no chão, o sofrimento evidente em seu rosto. Eu me pergunto se asas de feéricos voltam a crescer; sei que borboletas que se machucam nunca mais voam.

Os cortesãos ao redor olham boquiabertos e dão risadinhas, mas só por um momento. Logo voltam a atenção para as danças e as músicas, e a festa continua.

Eles são assim. Qualquer um que entre no caminho de Cardan é punido violenta e imediatamente. E são proibidos de assistir às aulas ministradas no palácio, às vezes na Corte toda. Feridos. Quebrados.

Quando Cardan passa pelo garoto, aparentemente já tendo lhe dado a lição, eu fico grata por ele ter mais cinco irmãos e irmãs dignos; é praticamente garantido que Cardan nunca se sente no trono. Não quero pensar nele com mais poder do que já tem.

Até Nicasia e Valerian trocam um olhar controlado. Mas Valerian dá de ombros e segue Cardan. Locke, porém, para ao lado do garoto e se inclina para ajudá-lo a se levantar.

Os amigos do garoto se aproximam para levá-lo embora, e naquele momento, num gesto um tanto improvável, Locke ergue o olhar. Os olhos castanhos de raposa encontram os meus e se arregalam de surpresa. Estou imobilizada, meu coração disparado. Preparo-me para mais desprezo, mas então ele sorri. E dá uma piscadela, como se reconhecendo que foi pego no flagra. Como se estivéssemos compartilhando um segredo. Como se ele não me considerasse um ser desprezível, como se não achasse minha mortalidade contagiosa.

— Pare de olhar para ele — exige Taryn.

— Você não viu... — começo a explicar, mas ela me interrompe, segura minha mão e me puxa na direção da escadaria, para nosso patamar de rocha cintilante, onde podemos nos esconder. Ela crava as unhas na minha pele.

— Não dê a eles ainda mais motivos para perturbar você! — A intensidade de seu aperto me leva a acariciar as costas da minha mão. As unhas de Taryn ficaram marcadas na minha pele.

Eu olho para onde Locke estava, mas a multidão já o engoliu.